

HISTÓRIA DAS MODISTAS IMIGRANTES E DA INSERÇÃO DA ALTA COSTURA EM MANAUS (1880-1920)

HISTORY OF IMMIGRANT DRESSMAKERS AND THE INSERTION OF HAUTE COUTURE IN MANAUS (1880-1920)



THAMY GOMES OLIVEIRA¹

Resumo

A presente proposta de pesquisa tem como objetivo analisar as transformações no imaginário da Moda e nas práticas de se vestir da sociedade amazônica no contexto de ampliação da chamada Belle Époque manauara. A ideia é observar de que forma a vinda de mulheres imigrantes que chegaram em Manaus no final do século XIX e início do século XX impactou no mercado da Moda e da alta costura na cidade de Manaus. Pretende-se resgatar e analisar - a partir das páginas dos periódicos manauaras da época que as destacam - os modos de vida e trabalho destas modistas, além de valorizar a participação delas no panorama das transformações que se davam na chamada "Paris dos Trópicos".

Palavras-chave: Mulheres; imigração; moda e alta costura.

Abstract

This research proposal aims to analyze the transformations in the fashion imagination and dressing practices of Amazonian society in the context of the expansion of the so-called Belle Époque Manauara. The idea is to observe how the arrival of immigrant women who arrived in Manaus at the end of the 19th century and beginning of the 20th century impacted the fashion and haute couture market in the city of Manaus.

Keywords: Women; immigration; fashion and haute couture.

Introdução

O tema aqui pesquisado foi fruto da minha relativamente longa e proveitosa jornada de graduação no curso de História, na qual tive contato com uma vastidão de leituras sobre histórias globais e regionais, em diversos recortes temporais, dos quais captei interesses específicos e elementos da escrita dos(as) competentes autores(as) que foram – e seguirão sendo – cruciais no desenvolvimento do meu ofício de escritora e pesquisadora.

É comum que, dentre o oceano de ideias que se cria dentro da cabeça do(a) historiador(a) a partir das leituras que realizamos – ao gotejo, lenta e, por vezes, dolorosamente –, identifiquemos tantas possibilidades de pesquisa e estudo para as quais uma vida inteira não fossem suficientes para realizar. Neste sentido, é preciso fazer

¹Graduanda em História pela UFAM. E-mail: thamy.oliveira018@gmail.com.



escolhas levando em consideração a disponibilidade das fontes, o próprio arsenal teórico-metodológico do(a) historiador(a) e, por fim, o tempo hábil e os parâmetros para as análises e escrita dos resultados a serem entregues ao programa de pesquisa em questão. Minha opção foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com duração de 1 ano e com 20 páginas de limite máximo para os relatórios parciais e finais.

A escolha pelo recorte temporal da Belle Époque, além da motivação pessoal, levou em consideração a disponibilidade de fontes facilitada pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional, na qual encontram-se digitalizados os jornais citados na pesquisa. Levou-se em consideração, ainda, as leituras que realizei em um dado momento da graduação, no qual me permiti fazer leituras voltadas a autores e autoras que discutiam sobre a cidade de Manaus. Neste trajeto de delimitação temática, foram consultadas as autoras Francisca Deusa Costa e Maria Luiza Ugarte Pinheiro, que estudaram nas suas teses de doutorado o trabalho, a cidade e a imprensa manauara. Constam nas suas obras os jornais impressos e/ou feitos artesanalmente, registros imagéticos, anuários, almanaques, Códigos de Postura, Recenseamentos de época realizados e registrados por médicos sanitaristas competentes na cidade. Elas deram luz ao presente tema ao indicar, nas páginas dos periódicos, dos anuários e dos álbuns de fotografias, estabelecimentos como a Fábrica de Roupas Amazonense Cecília Miranda, localizada à época na Rua da Instalação, a Alfaiataria do Centro Mundo Elegante na Rua Municipal e os diversos ateliês de modistas anunciados nos jornais.

Segundo a autora Ana Maria Daou no livro “A Belle Époque amazônica”, a cidade de Manaus passou por grandes transformações urbanas, sociais e culturais graças ao apogeu da borracha, que angariou os fundos que viriam a sustentar a realização do projeto urbanístico durante o governo do engenheiro maranhense Eduardo Ribeiro, entre 1892 e 1896. Em 1893, o Código Municipal de Manaus vigorava como uma das ferramentas que norteariam a sociedade manauara rumo a “modernidade”, ou a costumes mais refinados, que refletissem os novos valores daquela sociedade opulenta em construção. As fachadas das casas, prédios comerciais e clubes do Centro da cidade, ou mesmo o próprio Teatro Amazonas são um dos monumentos frutos desse período de transformação, a cidade fora



repaginada e posta sob o crivo de rigorosos códigos e regulamentos a fim de refletir a implantação de um “novo *ethos*”² manauara.

Há vasta historiografia dedicada em estudar a Belle Époque manauara a partir de diversas perspectivas tais como a econômica, a política, a social e a cultural. Em um campo vasto, no qual estas perspectivas diluem-se nos limites teóricos de praxe, algumas abordagens não são contempladas devidamente. Neste sentido, vale destacar ainda a invisibilização das mulheres pela historiografia local, na qual predomina uma narrativa voltada aos feitos dos homens da elite, os intelectuais e operários entre outros. A historiografia sobre as mulheres trabalhadoras, mesmo essas que transitavam entre as elites e as camadas populares da cidade, ainda é eclipsada e merece a devida atenção. Dentre as escassas representações femininas no panorama das trabalhadoras manauaras, duas personalidades se destacam no trabalho de Deusa Costa, como a imigrante portuguesa Cecília Miranda, que trabalhou na Fábrica de Roupas Amazonense Cecília Miranda, seguida da imigrante parisiense Madame Marie, dona do ateliê “A Parisiense”, que consta nas páginas dos jornais tais como o *Jornal do Commercio*, disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Há indícios da participação de algumas destas mulheres em assuntos relacionados a política, a exemplo da portuguesa Cecilia Miranda, que participou das comemorações públicas do movimento operário, contrariando as concepções machistas de época, que julgavam as mulheres como incapazes de compreender, discutir e posicionar-se politicamente por conta própria, sem a tutela de um homem. Por fim, é possível criar, a partir do cruzamento destas fontes com os procedimentos teóricos e metodológicos no campo da História, narrativas que visem a valorização da vivência, do trabalho e do legado criativo deixado por estas mulheres em Manaus.

Meu objetivo geral é analisar as transformações nas formas de se vestir a partir da atuação de mulheres imigrantes que trabalharam no mercado da Moda e da alta costura em Manaus no final do século XIX e início do século XX. Meus objetivos específicos são, respectivamente: Analisar as matérias dos jornais que tratam do universo da Moda e da alta costura em Manaus; compreender a trajetória de mulheres imigrantes que se envolveram com o trabalho da alta costura e da Moda e, por fim, analisar a construção de

² *Ethos* consiste no conjunto de costumes e hábitos culturais que caracterizam uma comunidade, região ou época.



um novo *ethos* sobre vestimenta e comportamento a partir da constituição do mercado da Moda e da alta costura na região no final do século XIX e início do século XX.

O fundamento metodológico que embasou a pesquisa parte da análise das fontes em diálogo com a historiografia sobre o tema, conforme orientado por Maria Yara Kouri; o objeto de estudo é fruto das problematizações que faremos das fontes articuladas com a historiografia. Nesse sentido, as matérias publicadas nos jornais locais, sobretudo no “Jornal do Commercio”, indicam a presença de mulheres imigrantes que passaram a atuar no mercado da Moda e da Alta Costura. Nesse sentido, as fontes foram lidas e analisadas de forma a acessar os sentidos e as intencionalidades atribuídas pelos sujeitos às suas narrativas. Os jornais, por exemplo, não apenas informam sobre o mundo, eles revelam projetos de poder e interesses nem sempre explícitos nas matérias e editoriais. Daí a necessidade e a importância de uma leitura a contrapelo, tal como problematizada em um clássico texto de Walter Benjamin acerca das teses sobre o conceito de história.

Baseado no conceito de campo do sociólogo francês Pierre Bourdieu, pretende-se trabalhar a partir da ideia de constituição de um campo da Moda e da alta costura em Manaus. Conforme o autor, o campo se constitui enquanto um espaço de relações em que estão em interação e conflitos os mais diferentes agentes e agências. Nesse sentido e articulando essa ideia, iremos atrás dessas mulheres que passaram a atuar no inicial campo da Moda e da Alta Costura dentro da cidade de Manaus como forma de compreender não apenas suas trajetórias específicas, bem como o processo de construção de um novo *ethos* sobre a cidade, no qual a Moda está diretamente envolvida.

Turbilhão social, moda e efemeridade: Manaus se insere em um grande fluxo de transformações sociais e culturais

Como agradecimento pelo aporte teórico e pelo aprofundamento de análise proporcionado pela leitura, é primordial citar a dissertação de mestrado do autor João Luiz de Souza, intitulado “Mudanças de hábitos do imaginário amazônico: A Moda, influência cultural francesa em Manaus entre os séculos XIX e XX.”; e os dois artigos “O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia” e “Alta Costura e Alta Cultura”, ambos de autoria do filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu. Estas leituras saciaram um olhar curioso sob as estruturas e práticas internas da indústria da Moda, desde o seu berço parisiense até sua implementação em solo manauara, com todas as



especificidades climáticas, culturais, sociais e políticas de uma região tropical e colonizada.

Seria impossível estudar a inserção e os mecanismos internos do campo da Moda, dentro e fora de Manaus, sem ter noção da chegada avassaladora da modernidade, que abraçava diversos continentes do globo terrestre influenciando mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas nos países afetados. Buscando afunilar e apurar a análise proposta, desde uma percepção global do campo da Moda até um estudo levando em consideração especificidades da região amazônica, realizou-se a leitura do capítulo introdutório do livro “Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade”, escrito pelo filósofo norte-americano Marshall Berman; o livro “A Ilusão do Fausto” da historiadora Edineia Mascarenha Dias e as demais admiráveis historiadoras que abrilhantaram os meses de estudo e escrita da pesquisa.³

No capítulo introdutório do livro “História da Vida Privada no Brasil vol. 3”, Nicolau Sevcenko endossa algo abordado por Berman no seu texto relacionado as três divisões da modernidade atribuindo o conceito da Segunda Revolução Industrial, conhecida como Revolução Científico-Tecnológica, ao bojo da Segunda Modernidade dos séculos XIX e XX. Segundo Sevcenko, ambos os conceitos descrevem esse recorte específico da História como um momento de:

[...], aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos, ela possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, [...], desenvolvimento das áreas da microbiologia, bacteriologia e da bioquímica, com efeitos dramáticos sobre a produção e conservação de alimentos, ou na farmacologia, medicina, higiene e profilaxia, com um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida (Novais, Sevcenko, 1998, p. 9).

O surgimento dos carros, aviões, transatlânticos, do telegrafo, do telefone, eletricidade, iluminação elétrica, navios a vapor, comidas enlatadas, a Aspirina e um mar de outras invenções tiveram sua origem nesta segunda modernidade – e são anunciadas em manchetes criativas nas páginas dos jornais manauaras.

No entanto, a partir das leituras dos textos de Berman, percebeu-se a quantidade de sentimentos e percepções contraditória que surgem a partir da chegada desta série de transformações sociais, culturais e políticas nas cidades; mais ainda, o quão intrínseca a

³ Me refiro a Deusa Costa e Maria Luiza Ugarte, anteriormente citadas no corpo textual.



modernidade é em relação a Moda difundida entre o final do século XIX e o início do século XX. O capítulo introdutório escrito por Berman, descreve a vida moderna nos seguintes termos:

[...] grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, **cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes**; descomunal explosão demográfica, que penaliza **milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral**, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; **sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades**; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas (Berman, 1986, p. 16, *grifos meus*).

Berman dividiu a modernidade em três fases distintas, nas quais as mudanças citadas foram lentamente gestadas entre o início do século XVI até o final do século XVIII, período no qual as pessoas começaram a migrar do campo para as cidades, a fim de experimentar a vida moderna. Ele destaca a onda revolucionária de 1790 como momento inaugural da segunda fase, momento no qual rompeu-se com as estabilidades sociais, culturais e políticas de um regime antigo, e formas inovadoras de governar e gerir as economias do Estado, trabalhar, viver e vestir surgem na cena pública. No entanto, as pessoas demoram a assimilar as novidades e, segundo Berman, vivem uma profunda dicotomia, com um pé nos costumes campestres e o outro pé no turbilhão social, no tumulto, na embriaguez e na destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais.

Dicotomia, contradição, esperança, angústia e a nostalgia melancólica de relações mais solidas e estáveis se revezam na rotina do homem e da mulher da cidade, e assim a atmosfera sentimental moderna se molda e passa a ser tema das novelas românticas dos séculos XVIII, XIX e XX. Por uma via mais intelectual, as sínteses supracitadas são abordadas por autores como Marx e Nietzsche, que discutiam sobre o caráter dialético e irônico que subjaz do modernismo, pois ao mesmo tempo que a imprevisibilidade da economia e das relações era alvo de crítica, esta característica levava ao cultivo da esperança, o único estímulo a mover as pessoas rumo a um futuro promissor. Vale destacar que essa mesma dialética é uma das chaves interpretativas acionadas por Bourdieu na sua compreensão da Moda.



No final do século XIX e início do século XX, a cidade de Manaus passava pelo mesmo processo de intensas transformações urbanas, sociais e culturais pelo qual passava o Rio de Janeiro⁴ e as demais cidades brasileiras, financiado pelo apogeu da borracha.⁵ Segundo Edineia Mascarenhas Dias, a urbanização da cidade seguia um plano político e ideológico que pretendia conduzir a sociedade manauara rumo aos costumes modernos e civilizados da Europa.

De forma a coroar este período de mudanças, pretendia-se criar um *ethos* manauara, ou seja, novos valores que se pretendiam fixar na vida das pessoas, na forma como trabalhavam, se divertiam, se relacionavam e se apresentavam perante si. Neste quesito, a Moda teve um papel primordial na formação desse *ethos* da “Paris dos Trópicos”, pois continha em si mesma os ditames da aparência e do comportamento ideal para o homem e a mulher republicana; vale ressaltar que, apesar de não termos encontrado alguma menção a documentos que regulamentem esses ditames da Moda – pois mudavam com muita frequência -, eles eram seguidos pelas elites sociais tal como um “Código de Postura tácito”.⁶

O conjunto de mudanças ocorridos em Manaus seguia um plano político e ideológico influenciados pela europeização - e pelo imaginário de modernidade e civilização que o acompanha - e que, segundo Souza, desembarcaram no Brasil junto com a Família Real de Portugal, na primeira década do século XIX. Diz ainda que, apesar do

⁴ Que por sua vez, inspirou a “Regeneração” carioca no mesmo período. No Rio de Janeiro, as autoridades conceberam um plano em três dimensões de modernizar o porto, sanear e reformar a cidade. Uma equipe composta por médicos sanitaristas, engenheiros e engenheiros urbanistas ficou responsável por repaginar a cidade carioca a fim de torná-la limpa e bela para receber os investidores estrangeiros. Para colocar o plano em prática, as famílias carentes e desafortunadas foram despejadas dos cortiços sem qualquer amparo do poder público, as casas foram demolidas para dar lugar a casas novas em estilo *art nouveau*. Ver Sevcenko, pp. 22-23;

⁵ O conceito de “ciclo econômico” foi revisto e substituído por um mais adequado. Segundo João Pacheco de Oliveira, autor do livro “O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades” (2016), o termo “ciclo da borracha” consiste em uma simplificação que impede a visibilidade das demais atividades econômicas (extrativismo, agricultura etc.) que compuseram a economia amazônica antes, durante e após o apogeu da borracha. Oliveira diz que: “O que tais trabalhos visam é a construção de uma “história geral”, na qual os fatos econômicos, políticos e culturais estejam integrados solidariamente, sem obedecer a ritmos próprios que possam afetar a unidade pressuposta do todo. Assim, geralmente, a descrição do ciclo econômico da borracha só garante a unidade do todo social enquanto se sobrepõe a uma história política e cultural extremamente empobrecida e plena de lacunas” (Oliveira, 2016, pp. 117-118).

Acrescento que esse termo reforça a impressão de que a Amazônia só teve o seu protagonismo na História, reconhecido e aclamado como tal, durante esse período; e que, com o declínio da borracha, a região “deixa de existir” na história.

⁶ Considero este apontamento como uma questão em aberto no projeto, a qual pretendo responder a partir de novas fontes para cruzar com as análises presentes;



Brasil ter sido colonizado por Portugal, a colonização cultural do país foi realizada pela França:

[...]. A cultura francesa sempre esteve presente na nossa história, isto não podemos negar.

Após a chegada da primeira Missão Francesa no século XIX em 1816, não foi apenas a arte neoclássica que aportou no Brasil, mas ideias de higiene e saneamento que iriam modificar o urbanismo das cidades conforme o modelo parisiense. Ao lado dessas ideias emerge uma nova forma de apresentar-se socialmente, uma distinção entre o público e o privado, base para implantação de novos hábitos (Souza, 2013, p. 12).

Ainda a respeito de Manaus, Dias destaca que se trata de uma cidade planejada para atender aos anseios dos investidores estrangeiros. Naquela época, todo o embelezamento arquitetônico, o saneamento básico, a eletricidade, os transportes, as escolas, as unidades de saúde e os estabelecimentos comerciais de luxo concentraram-se no Centro da cidade, região na qual circulariam os empresários estrangeiros vindos a trabalho e as elites manauaras. Os trabalhadores e pessoas mais pobres não eram bem-vistos e aceitos naquelas imediações (Hatoum apud Dias, 2007, p. 12). Acerca da proibição da presença de pessoas humildes no Centro das cidades entre os séculos XIX e XX, Sevcenko escreveu acerca dos desfiles de Moda na Avenida Central, após a reinauguração daquela via pública após a “Regeneração” em 1904 - onde os homens posavam “no rigor *smart* dos trajes ingleses”, e as mulheres “exibindo as últimas extravagancias dos tecidos, cortes e chapéus franceses” -, as pessoas que não estivessem trajadas de acordo com o código de vestimenta, também estavam proibidas de transitar nas ruas (Novais; Sevcenko, 1998, p. 26).

Souza destaca uma primeira opinião a respeito da Moda que, tanto no processo de pesquisa do autor, quanto nesta atual pesquisa, perdura no imaginário da maioria dos leitores comuns: a Moda se restringe a roupa. No entanto, como pude perceber na análise documental, Moda pode ser entendida como vestimenta, como comportamento, corte de cabelo, padrões estéticos (rosto e corpo, formato das unhas) etc. A diversidade dos elementos que compõem a Moda torna os termos “universo” ou “indústria da Moda”, mais adequados para defini-la e contemplar as inúmeras ramificações passíveis de serem estudadas a partir dela.

As características que definem a Moda dos séculos XIX e XX, como bem pontua Souza, consiste na efemeridade, na imposição de ciclos cada vez mais curtos nos quais uma tendência vigora (Souza, 2013, p. 12). “Uma tendência”, ou “umas tendências” como



foi possível constatar a partir dos artigos de Moda publicados no jornal “*A Federação: Orgam do Partido Republicano Federal (AM)*”, “*Jornal do Commercio (AM)*”, e no “*Commercio do Amazonas*”, que envolvia desde roupas, sapatos, chapéus e acessórios brilhantes, até a perfumaria e a ostentação de itens e animais exóticos.

A partir disto, urge a necessidade de buscar respostas para o seguinte questionamento: quais são as “razões de ser” da efemeridade da Moda? O que faz as tendências se sucederem com um intervalo de tempo cada vez menor? Qual a dimensão do simbolismo da Moda no âmbito social? Para sanar esta dúvida, é preciso recorrer aos textos de Pierre Bourdieu, nos quais o autor descreve o funcionamento do campo da Moda, do mercado dos bens de luxo, da criação das marcas, atribuição de valor e da aura sagrada que se cria ao redor destes objetos. Vale destacar ainda o ponto de referência do qual Bourdieu se reporta: a Paris dos anos 1970, mais de 5 décadas avançadas em relação ao recorte temporal desta pesquisa; o que não torna a análise do sociólogo nem um pouco inadequada para o momento, tendo em vista tratar-se de estruturas de poder que pouco se alteraram com o passar do tempo.

Para o autor, a Moda está inserida em um campo atravessado por disputas entre as classe dominantes e as classes médias, cujos personagens são os estilistas dominantes – costureiros, donos de sua própria marca e grandes *maisons* de alta costura parisiense – e as vanguardas – estilistas recém-chegados ao campo da Moda, disputando por legitimidade e pela criação da sua *maison* própria de alta costura -; enquanto os dominantes prezam pelo bom gosto, pela elegância sóbria e a opulência das cores neutras, a vanguarda busca romper com estes paradigmas da Moda com propostas ousadas, contraditórias ou até pregando o “ódio a perfeição”, uma arte de protesto. E no panorama global da Moda, esta disputa parisiense interna se reflete nas tendências viralizadas nos jornais, revistas e nos salões dos(as) modistas, nos quais é possível identificar a preferência da maioria pelo refinamento estético proposto pelas camadas dominantes da Moda. No entanto destaco que, no campo da Moda, quem movimenta o jogo e rompe com as tendências preestabelecidas são as vanguardas (Bourdieu, 2001, p. 11).

De forma mais aprofundada, percebi a atuação dos modistas e costureiros como os grandes criadores destas Modas e responsáveis, ainda, por atribuir-lhes um valor



distintivo⁷, algo inestimável no âmbito social das elites. Bourdieu analisa a transubstanciação simbólica como uma alquimia social, nas quais objetos – originalmente de luxo ou não – são elevados a categoria de bens sagrados, dotados de uma aura sagrada que, além de ultrapassar as suas dimensões materiais, magicamente confere uma legitimidade social aos portadores do artigo luxuoso (Bourdieu, 2001, p. 50).

Com algumas ressalvas do tempo de transporte das informações, estas tendências chegavam em Manaus através dos jornais de circulação diária, como foi possível constatar a partir dos artigos de Moda publicados no jornal “*A Federação: Orgam do Partido Republicano Federal (AM)*”, “*Jornal do Commercio (AM)*”, e no “*Commercio do Amazonas*”, que envolvia desde roupas, sapatos, chapéus e acessórios brilhantes, até a perfumaria e a ostentação de itens e animais exóticos.

Em Manaus, a cultura francesa foi incorporada tanto no público – a arquitetura dos prédios comerciais e dos casarões, mobílias, vasos e pinturas seguindo o estilo *art nouveau*, livros, produtos de consumo e cardápios de restaurantes com pratos franceses – quanto no privado e no imaginário da alta sociedade manauara – a adoção de hábitos tipicamente europeus dentro dos lares.

Análise dos jornais: o aparelho de propagação e celebração do “*novo ethos*” manauara em formação

Nesse sentido, o artigo “*A Moda: Em bicyclette*”, publicado no dia 6 de julho de 1898, anuncia a chegada da bicicleta na cidade de Manaus, e descreve o ciclismo como um exercício salutar para as senhoras da época. Em seguida, tece instruções sobre a confecção de trajes adequados para pedalar, composto pelos seguintes elementos: um calção largo e uma saia “curta” até os tornozelos, um par de luvas de cor clara, uma camisa branca e gravata semelhante ao modelo usado pelos homens em outros esportes.

Acontece que, um ano antes, no artigo informativo “*Causier*” (*O Imparcial (AM)*, 20 abr. 1897), - escrito pela autora Lucia e publicado pelo jornal “*O Imparcial (AM)*” acerca dos trajes ideais para as senhoras e senhoritas se exercitarem dentro dos padrões de Moda e elegância francesa - a autora menciona que: “entre nós só os homens é que

⁷ Este valor só pode ser atribuído a algum bem – mesmo aqueles criados fora do mercado de luxo – quando ele pertencer a uma marca de luxo (ex.: Dior, Saint Laurent etc.), processo o qual Bourdieu nomeou “transubstanciação simbólica” onde um produto, por mais comum e básico que seja, transforma-se em algo luxuoso e caro. Ver: Bourdieu, 2001, pp. 39, 41-42.



preferem a bycicleta, [...]” (*Idem*). O que poderia ter ocasionado, dentro desse período de um ano, a adesão das mulheres ao hábito de andar de bicicleta? Bourdieu diz que, apesar do surgimento dessas tendências se dar, primeiramente, como uma forma de “ataque” e “contra-ataque” entre os dominantes e a vanguarda, estas tendências surgem para atender a demanda universal do público-alvo, levando em consideração o contexto social, cultural, e até político do globo.⁸

A boa aceitação de uma tendência - tal como andar de bicicleta pelas ruas da cidade – simboliza a vitória momentânea da vanguarda sob os dominantes. Além disso Bourdieu diz que:

[...], a Moda, a semelhança da canção, da fotografia, do romance popular e de todas as “artes médias”, **situam-se no tempo de curta duração dos bens simbólicos perecíveis** e porque ela **só pode exercer um efeito de distinção servindo-se, sistematicamente, das diferenças temporais, portanto, da mudança** (Bourdieu, 2001, p. 27, *grifos meus*).

Cabe também nesta categoria de análise destacar a Moda como um grande campo de comércio, no qual as dimensões artísticas e capitalistas se mesclam e dão origem a um tipo específico de economia, a qual Bourdieu nomeou como “economia específica do campo da Moda”⁹, no qual ideias, conceitos e inovações são aplicados na criação de novos objetos, que logo terão o seu valor atribuído a partir do selo de marca, atestando a originalidade do artigo de luxo. Tais objetos precisam, por uma questão comercial específica da Moda, aproveitar-se de uma determinada pauta social/política/cultural que fisque o interesse da maioria dos seus consumidores de classe média e alta. No entanto, todos os participantes aderem a dissimulação dos interesses.¹⁰ Caso contrário, as intencionalidades capitalistas de lucrar maculariam toda a aura sagrada e simbólica dos bens de luxo, implicando em uma crise generalizada do mercado de bens de luxo (*Idem*, p. 40- 42).

⁸Ver: Bourdieu (1983), p. 4. A respeito desta estratégia adotada pelas vanguardas da moda dos séculos XIX e XX, pode-se sugerir a hipótese da relação com a proeminência das pautas feministas, que já estavam em curso entre o final do século XIX e início do XX. Conhecida como “Primeira onda do feminismo”, foi um movimento iniciado no Reino Unido e nos Estados Unidos com o objetivo de lutar pelo direito ao voto e a participação na vida pública, direitos básicos concedidos aos homens, porém negado as mulheres até então. Ver também: Silva, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade**: a formação da quarta onda. Recife: Independently published, 2019.

⁹ Campo onde ocorre o cruzamento entre dimensões intelectuais/criativas/simbólicas e a dimensão dos interesses financeiros.

¹⁰ Consiste em empregar estas estratégias de propaganda de forma velada. Ver: Bourdieu, 2001, p. 42.



A vestimenta das moças e senhoras, seja nos passeios do dia a dia, seja na missa, nas festividades religiosas, nos casamentos, nos bailes ou no teatro, deveriam ser confeccionadas seguindo as recomendações de recato e bom gosto com alguns requintes, aqui e ali, de criatividade. Em artigo publicado no domingo, dia 31 de julho de 1898, foi publicado no jornal “*Commercio do Amazonas*” o artigo “A moda”, onde a autora Octavia escreve indicações de vestuário para as senhoras e senhoritas utilizarem durante o período chuvoso que vigorava em Manaus naquele mês de julho. O artigo orbitava ao redor dos seguintes elementos obrigatórios na vestimenta: elegância, recato e criatividade em pequenas doses. No entanto, a autora destaca que: “[...] devem ser usados na toilette feminina segundo o temperamento irrequieto ou melancólico da gentil senhorita que o emprega” (*Commercio do Amazonas*, 31 jul. 1898). O trecho leva a compreensão de haver algumas brechas dentre os códigos de elegância na vestimenta que permitissem as mulheres a expressarem suas personalidades através das cores das peças, pois: “As melancólicas convêm as Violetas dobradas do Csar e às irrequietas o Royal Ceillet, sendo que, as Brisas d’ Autom e o Funkia do Japão estão muito em uso” (*Idem*, grifos meus).

Dentre os eventos religiosos na cidade, o(a) autor(a) J.S. descreveu indicações atualizadas – ou não, pois as novidades da Moda europeia chegavam com certo atraso aos jornais e revistas de Manaus (Souza, 2013, p. 59) - de tecidos e rendas ideais para a confecção dos vestidos, do véu e adereços de noiva no artigo “*Chronica da Moda*”:

A musseline de seda era também muito empregada para guarnições de vestidos de casamento, agora é substituída pela tulle; esta guarnição vaporosa, que se confunde com o véo, é encantadora (*Commercio do Amazonas*, 22 jun. 1898).

O julgamento social, em categoria de Moda, fez sua expressão nas colunas dos jornais da época, com críticas relacionadas a tendências exóticas, peças e produtos pouco “recatados”, malefícios a saúde e a tentativa de ascender socialmente através do “disfarce” das roupas e dos costumes. Em contrapartida, Bourdieu disserta a respeito da função da imprensa no campo da Moda enquanto aparelho de celebração dos bens de luxo e das elites dotadas da legitimidade proporcionada pelo conjunto da indumentária, dos acessórios, dos bens de consumo e dos lazeres refinados.

Ele diz que a imprensa, a partir dos anúncios performáticos e da exaltação dos valores simbólicos que envolvem os produtos importados, assume o papel de celebrar e despertar o desejo das pessoas por aqueles bens (Bourdieu, 2001, p. 48). Como diz N.



Mont-Servan, que aparece na fonte “*La haute Couture parisienne, laboratoire international de la mode*” citada por Bourdieu:

É somente em Paris que se encontram reunidas todas as condições para o lançamento de uma nova moda: a presença de 800 jornalistas na apresentação das coleções, a cata de informações diárias; as revistas especializadas que, um mês depois, publicarão a síntese fotográfica; por fim, os compradores profissionais, cujos dólares, libras ou francos permitirão que as mulheres concretizem ideias consideradas, as vezes, destemidas ou, pelo contrário, tímidas (Servan *apud.* Bourdieu, 2001, p. 45).

Em seguida, Pierre Cardin endossa o argumento dizendo: “A Moda só se torna verdadeiramente o que é devido ao jornalismo. Você pode me dizer como apresentar vestidos se estes não passarem primeiramente pelo estágio da imagem?” (Cardin *apud.* Bourdieu, 2001, *idem*).

Algumas colunas traziam as notícias sobre Moda atrelados a uma (ou várias) opiniões a respeito das tendências, outras eram totalmente voltadas a opinar e criticar, principalmente, as inovações voltadas ao público feminino. Na próxima seção, dediquei atenção especial às colunas de opinião, nas quais foi possível captar parte das concepções formadas no imaginário dos autores (e autoras!) dos jornais a respeito da Moda e dos usos que foram feitos dela na cena pública da cidade.

A bizzaria é um adjetivo comumente atrelado a Moda, tanto no século XIX e XX quanto no XXI. Neste sentido, nas colunas “As elegantes americanas” (*A federação: Orgam do Partido Republicano Federal* (AM), 05 dez. 1900) e “As fantásticas bizzarias adoptadas – Os últimos “wkases” de S.A., A Moda” (*Jornal do Commercio* (AM), 07 mar. 1914), a tendência de ostentar animais exóticos tais como um rato ou um macaco como parte da indumentária de Moda; este último, em especial, trata-se de um texto crítico, porém secretando ressalvas agradecidas à efemeridade da Moda, pois assim certas tendências “absurdas e ridículas” – das quais pode ser destacada a ostentação de animais exóticos – logo deixariam de circular.

Em vários trechos do artigo, o autor direciona uma série de julgamentos, a princípio, as tendências da Moda importada dos países europeus, dado o nível da “bizzaria” ou da “ousadia”. O autor fala a respeito da possibilidade de algumas inovações da Moda serem capazes de causar “verdadeiras convulsões sociais”¹¹, porém, o arranjo

¹¹ Na sua pesquisa baseada nas revistas especializadas em Moda dos anos 80, Bourdieu destacou a fala de Marc Bohan, que intitulou esse estilo de alta costura como “costura de laboratório” a qual rejeitava veementemente: “Essa palavra me irrita. A Alta Costura, tal como a entendo, não é o produto de um



de palavras empregadas deixa esborrar um julgamento direto ao público-alvo desta Moda, composto majoritariamente por mulheres:

[...]. Felizmente, quanto mais extravagante é uma moda, tanto mais os homens são levados a fazer este raciocínio: “Por muito bom senso que tenham nossas irmãs, nossas filhas e nossas esposas, ellas não tardarão a perceber quanto são ridículas com a nova moda e adoptarão outra cousa”. E **os homens têm mil vezes razão**: [...] (*Jornal do Commercio* (AM), 07 mar. 1914, grifo meu).

Quando este artigo foi publicado, estava em vigor a tendência dos cabelos coloridos, do uso do véu em estilo oriental¹², das saias em estilo *jupe fendeu*¹³ e do uso da *jaretelle montre*¹⁴, todas tendências francesas. Além destas, havia a tendência do uso de monóculo em Londres, e da ostentação de animais exóticos em Berlim. O autor compara as tendências importadas de Paris, Berlim e Londres, e conclui que as mais elegantes, aceitáveis e sensuais são as francesas.¹⁵

No caso da fonte anterior, na qual o autor deu voto favorável a sensualidade da Moda francesa em comparação com as outras, não acontece a mesma aprovação em outras fontes. Vale ressaltar que, para as mulheres, o ato de “mostrar um pouco mais” da pele nas roupas, usar produtos perfumados e portar-se de maneira sensual e confiante era uma forma de ser notada na multidão e, perante uma sociedade moderna e de “costumes conservadores”, causar convulsão social.

Em “Notas para desopilar” (*Jornal A federação: órgão do Partido Republicano Federal* (AM), 09 fev. 1899), o(a) autor(a) narra um episódio que se passou numa capital europeia, cheia de aristocratas e do empório da Moda, onde havia um sacerdote da igreja que se via impedido de caminhar em uma calçada estreita por duas senhoras trajando vestidos de cauda longa, que fechavam a passagem. No entanto, o problema maior - segundo o foco da narrativa, a qual pretendia criticar - estava no tamanho do decote no

laboratório destinado a algumas cobaias, mas trabalhar com material moveção feito para viver em pessoas de verdade... e aí viver bem, ou seja, viver melhor. [...] O que me apaixona é vestir as mulheres para embelezá-las. [...] O que me obriga, automaticamente, a rejeitar de propor-lhes qualquer bizarrice que corra o risco de tornar-se um disfarce.” (Bohan, Cézan apud Bourdieu, *La mode, phénomène humain*, pp. 133-134, 1967);

¹² Uma versão do *hijab*, vestimenta religiosa das mulheres muçulmanas, consiste em cobrir os cabelos e a boca, apenas os olhos ficam expostos;

¹³ Neste estilo, a saia dos vestidos possui uma fenda lateral até o joelho, revelando os pés e a panturrilha;

¹⁴ Liga que segura as meias e acompanha um relógio. Esse acessório compõe junto com o *jupe fendeu* o visual ilustrado no artigo;

¹⁵ O que ressalta o argumento da colonização cultural francesa citada por Souza;



corpete dos vestidos. Uma das duas senhoras, ao perceber a presença do sacerdote, recolheu a cauda do vestido para deixá-lo passar, e iniciou o seguinte diálogo:

- Pode passar, Reverendíssimo! Estas modistas gastam tanta fazenda nas caudas.
- Que nada deixam para o corpinho, disse o padre sorrindo (*Idem*).

A crítica do sacerdote rescinde sob a profundidade do decote dos corpetes dos vestidos que as senhoras estavam usando em público, que chamavam atenção aos seios delas.

Na coluna “Modas”, publicado no *Commercio do Amazonas* no dia 30 de outubro de 1898, o(a) autor(a) desconhecido(a) escreve a respeito de outro nicho muito importante e atualmente conhecido dentro da Moda: os perfumes. “Essa inovação”, segundo o(a) autor(a), “está destinada a produzir uma verdadeira revolução entre o bello sexo!” (*Commercio do Amazonas* 30 out. 1898, *grifos meus*). A revolução do bello sexo, acredita-se, está no fato de que, a partir daquele momento, as senhoras e senhoritas poderiam escolher qual aroma exalariam de seus corpos e qual atmosfera tais aromas criariam dentro do conjunto da indumentária. E, como ocorria em todas as inovações da Moda, o texto destaca as fragrâncias apontadas como mais elegantes e apropriadas – Violeta do Czar e *foin coupé* -, e as fragrâncias de “mão goste”, que indicavam uma “absoluta falta de conhecimento dos principaes decretos da moda e elegância” (*Idem*, *grifos meus*); eram estes: Patchouli e Muse (almíscar).

Vale destacar também a possibilidade de mitigar os odores naturais do corpo que, durante o intenso calor amazônico, rapidamente escalona para um odor fétido, alvo das mais rigorosas medidas sanitárias descritas por Margareth Rago no capítulo “Desodorização do espaço urbano: gestão higiênica da miséria”¹⁶, e comentado por Costa no sub tópico “Destoando da estética urbana”, pertencente ao livro anteriormente citado neste mesmo trabalho. O ato de exalar perfume ou fedor, tanto em relação ao próprio corpo quanto em relação a moradia era por si só um elemento de distinção social que dispensava ressalvas das condições sociais e econômicas dos indivíduos, tendo em vista os preços altíssimos destes bens de luxo não serem acessíveis a todas as pessoas.

¹⁶ Ver: Rago, 1985.



Além da inserção do hábito de exalar aromas perfumados, surge a partir disto a seguinte questão: quais aromas são adequados? Quais aromas são tidos como “inapropriados” e quais são os critérios da escolha?

Retornando à narrativa da fonte, por quais motivos os aromas de Patchouli e Almíscar causaram tamanha opinião negativa dentre a alta sociedade parisiense - e conseqüentemente, da alta sociedade manauara -? Para alcançar a possível resposta a esta questão, é necessário resgatar algumas noções a respeito da relação entre a perfumaria e o olfato humano, tal como os seus efeitos nos sentidos e na memória. Segundo Lara, Vilela, Ribeiro, Tissot-Lara e Silva (2021), em estudo a respeito da influência da convergência sensório-perceptual no processo de decisão de compra do consumidor de perfume:

[...], a convergência sensorial consiste no resultado da atuação individual e integrada de cada sentido, impactando o comportamento. O perfume sempre exerceu certo fascínio sobre os indivíduos, pois é capaz de evocar pessoas e momentos importantes, seduzir e comunicar. Ele revela de forma marcante, porém discreta, algo que flui do “eu” de cada um (Edson Lara, J. O. S. É. et al., 2021, p. 4).

Nesse sentido, a fragrância transmite uma mensagem que influencia no comportamento do(a) usuário(a) e no comportamento das pessoas que estão a seu redor. Volta-se a atenção as fragrâncias de Patchouli e Almíscar, - respectivamente, fragrâncias feminina e masculina - que possuem um aroma doce, picante e afrodisíaco, remetendo as pessoas envolvidas nestes aromas a sedução, ao sexo e a intimidade carnal. Em se tratando de uma alta sociedade de costumes conservadores e católicos, compreende-se a rejeição a estas fragrâncias como uma forma de condenar a luxúria e manter o sexo restrito a privacidade do casamento e do lar. Pode-se traçar uma correlação entre os anseios desta alta sociedade conservadora e aqueles estilistas dominantes na França, que buscavam igualmente endossar o embelezamento recatado e comedido das mulheres.

A influência da Moda no corpo das mulheres se fazia presente ao estipular padrões de beleza corporal quase inalcançáveis, as custas da saúde e da qualidade de vida feminina. Precisamente entre o final do século XIX e início do XX – um período de virada de século -, houve uma mudança em relação ao que era considerado belo no corpo de uma mulher. Segundo Michelle Perrot:

Até o século XIX, perscruta-se a parte superior, o rosto, depois o busto; há pouco interesse pelas pernas. Depois o olhar desloca-se para a parte inferior, os vestidos se ajustam mais à cintura, as bainhas descobrem os tornozelos. No



século XX, as pernas entram em cena, haja vista a valorização das pernas longilíneas nas peças publicitárias. Progressivamente, a busca da esbeltez, a obsessão quase anoréxica pela magreza sucede à atração pelas generosas formas arredondadas da “bela mulher” de 1900 (Perrot, 2007, p. 50).

No dia 18 de agosto de 1899, o “*Commercio do Amazonas*” publicou o bloco “Rimando” escrito pelo autor Cassildo Ribeiro. A narrativa da rima gira entorno do caso de uma mulher em uma cidade do Sul, cujos pelos da face cresceram exageradamente durante a gravidez, que morreu logo após dar à luz. O autor finaliza a rima dizendo o seguinte:

Se é verdade o que estou contando/E se a moda terrível pegou, /Se as mulheres começam barbando/ Como aquella senhora barbou/ Muita gente há de esta se pehando / Pois a hora dos pelos chegou (*Commercio do Amazonas*, 18 ago. 1899).

De acordo com a fonte, o autor acreditava que pelos faciais femininos são indicativos de uma possível moléstia grave nas mulheres, podendo levá-las ao trágico fim tal como ocorreu com a mãe falecida após o parto. É fato que, dependendo da quantidade e região de nascimento dos pelos, pode indicar um problema de saúde. A medicina atualmente mostra que inúmeros fatores podem causar crescimento de pelos em exagero - e em regiões onde normalmente não cresceriam pelos no corpo feminino¹⁷ – ou mesmo o falecimento da mãe durante ou após o parto¹⁸.

No entanto, há que se reconhecer a descoberta recente destes fatores os quais, certamente, não eram de conhecimento geral no final do século XIX e início do século XX¹⁹. Por último, tendo em vista a falta de conhecimentos a respeito destas doenças, o tom do discurso sobre os pelos no corpo feminino, disfarçado por uma aparente preocupação com a saúde feminina, deixa nas entrelinhas a vontade destes senhores – autores e leitores dos jornais de circulação diária - de desenhar no imaginário dos leitores uma figura caricata da mulher (principalmente aquelas que se definiam como feministas) que perdurará durante séculos a fio.

No que diz respeito à saúde feminina, o jornal “*A Federação: Orgam do Partido Republicano Federal*” publicou no dia 21 de dezembro de 1900 a coluna “O Espartilho”,

¹⁷ Dos quais destaca-se o sintoma do hirsutismo, que é o crescimento de pelos em regiões do corpo feminino onde normalmente não cresceriam. Este é um dos principais sintomas da Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP).

¹⁸ Problemas de saúde preexistentes no corpo da gestante (pressão alta, pré-eclâmpsia ou eclâmpsia), ou mesmo complicações durante e após o parto (infecções etc.) podem levar ao falecimento da mãe;

¹⁹ A SOP foi descoberta somente em 1935 pelos cientistas Stein e Leventhal.



no qual o(a) autor(a) escreve criticando o uso do espartilho no corpo das mulheres por impactar negativamente na saúde delas:

A *sciencia*, com sua autoridade quase infalível, demonstra que de 1.000 pessoas que usam espartilho, 50 soffrem do peito, 15 morrem na adolescência e outras tantas são atacadas por enfermidades do coração, estomago, cabeça etc.; [...] (A Federação: Orgam do Partido Republicano Federal (AM), 21 dez. 1900).

O autor anônimo acreditava que o uso do espartilho deveria ser proibido pelos pais e maridos das mulheres. Acontece que, no entanto, estes mesmos homens – e até aqueles homens que estão diretamente envolvidos no universo da Moda (estilistas e jornalistas) eram uns dos maiores incentivadores ao uso, direta ou indiretamente. Para defender o seu argumento contra o uso dos espartilhos, o autor descreve uma breve “linha do tempo” da existência do espartilho durante a história, e destaca a opinião de algumas figuras de autoridade a respeito tais como Luiz XVIII e Napoleão I.

Em linhas gerais, o discurso de preocupação com a saúde feminina entra em conflito com o projeto modernizador da sociedade manauara, no qual a Moda participa como uma forma de enquadrar os homens e mulheres da cidade dentro dos padrões estéticos da modernidade europeia oitocentista que desconhecem fronteiras naturais, climáticas e humanas das diversas comunidades as quais tenta colonizar. Fazia algum sentido, para uma mulher de biotipo manauara, flagelar o corpo dentro de um espartilho bem apertado até que diminuísse alguns (ou vários) centímetros de cintura? Logicamente não, mas era necessário passar por alguns rituais de embelezamento dolorosos a fim de se enquadrarem no *ethos* da Manaus modernizada.

Fica evidente na fonte a contradição dos homens autores destas colunas de jornal. Pois, se a intenção era adotar os valores da modernidade europeia, higienizar as ruas e refinar os costumes das pessoas, por quais motivos estes aparelhos de celebração dedicavam-se a criticar a inserção da Alta Costura e do mercado de luxo na capital amazonense?

Bourdieu fala a respeito dos pares antagônicos existentes no campo da Moda, aceitação e rejeição, elogio e crítica, recato e vulgaridade, dominância e vanguarda; trata-se de dimensões conflituosas e contraditórias em constante choque, porém que jamais ameaçam quebrar definitivamente o ciclo de dominação (Bourdieu, 1983, p. 5). É uma dinâmica que ocorre de forma semelhante na imprensa manauara; porém, tendo em vista



que todos estes mecanismos estudados por Bourdieu ficam entrelaçados junto a prática, de forma a se tornar quase imperceptível pelas pessoas que participam das disputas dentro do campo²⁰, quais são as chances de estas críticas serem a verbalização de opiniões genuínas dos seus autores, como uma forma de expressar certa personalidade e autonomia?

Sobretudo, observa-se a partir desta rima e do artigo o estabelecimento de padrões de Moda para o corpo feminino que englobam o crescimento ou não dos pelos no corpo da mulher, altura, peso, cor da pele e até mesmo a idade. Em coluna assinada pela Baroneza Sitffe para o jornal “*Commercio do Amazonas*”, no dia 10 de setembro de 1899, a autora aconselha:

Para que << o ornato >> seja vantajoso é preciso que se conheça a si próprio. Dir-se-ia que muitas **mulheres ignoram si são grandes ou pequenas, si são altas ou baixas** [...], é conveniente não iludir-se, não querer se persuadir de que **não se é tão pequena como se diz: que se é ainda delgada, quando já se engordou; que se está fresca, viçosas, quando as feições empalidecem** (*Commercio do Amazonas*, dia 10 set. 1899, *grifos meus*).

Finalizando o artigo, a Baroneza orienta que as senhoras e senhoritas saibam escolher roupas, chapéus, acessórios e sapatos de acordo com seu tom de pele e formato de corpo. Seguindo este mesmo tópico de análise, e dando foco a categoria “idade”, o artigo “AS VELHAS DENGOSAS”, publicado no jornal “*Commercio do Amazonas*” no dia 27 de agosto de 1903, visava ridicularizar as “ternuras, denguiques e vaidades” em pessoas idosas. Destaca-se os seguintes trechos da extensa coluna:

Na vastíssima escala dos objectos ridículos, nenhuma cousa há mais cômica e risível, do que ternuras, denguiques, e vaidade em pessoas velhas; [...]. Esses devaneios, essas ventrinhas, esses transportes só são desculpáveis no verdor dos anos, quando a superabundância da vida de todas as partes nos excita ao prazer (*Commercio do Amazonas*, 27 de ago. 1903).

O autor desconhecido segue em uma dispendiosa descrição vexatória das marcas deixadas pelo tempo e a vida na face e no corpo das mulheres mais velhas que buscaram conservar sua vaidade e gosto pelo cuidado na aparência. O autor cita alguns nomes para exemplificar seu ponto, são elas: D. Manoella, D. Margarida e D. Quiteria. Segundo a opinião do autor, os acessórios que estas senhoras deveriam usar, ao contrário dos “anneis

²⁰ Tais pares de posições epistemológicas, antagônicas e complementares, que correspondem a oposições sociais entre adversários cúmplices são observados em todos os campos: e, em todos os casos, o conhecimento daquilo que constitui o fator das lutas que neles se desenrolam, tem por condição de possibilidade a crítica sociológica entendida – pela generalização do emprego kantiano da palavra crítica –, como a ciência das condições sociais de possibilidade deste jogo particular e, ao mesmo tempo, a ciência dos limites que implica o engajamento necessariamente ingênuo neste jogo.” (Bourdieu, 2001, p. 50).



de brilhantes em huns dedos, que já estão engilhados, finos e nodosos” (*Idem*), seriam as contas do rosário. Após longos parágrafos destinados a falar da figura feminina, o autor tece algumas críticas jocosas a figura do homem idoso que paquera meninas e mulheres mais novas, porém, o faz em uma proporção nada equiparada com as críticas a figura feminina.

Na coluna intitulada “Vaidade e preconceito”, (*A Federação: Orgam do Partido Republicano Federal (AM)*), s.d.) de autoria do “Indegina”, conta a história de Laura, uma menina de 13 anos, e seu pai, um humilde sapateiro cujo nome não fora mencionado, que trabalhava a exaustão a fim de comprar vestidos, roupas, sapatos e cosméticos para que a filha pudesse posar embelezada nas ruas da cidade, a fim de conquistar algum pretendente da elite para se casar. Dos treze aos dezoito anos, Laura circulou pelas ruas, praças e teatros, recebeu o ensino de língua estrangeira, prendas e instrumentos musicais a fim de “parecer à altura” da alta sociedade e seus herdeiros solteiros.

Nessa coluna, a vaidade é descrita a partir do uso da Moda e do comportamento como formas de ascender socialmente e conquistar uma vida mais confortável. No entanto, o substantivo é inserido na narrativa como um adjetivo negativo; tentar ascender socialmente não era bem-visto socialmente quando não se tinha os atributos físicos e culturais daqueles que já nasceram dentro das elites sociais. É importante ressaltar que a narrativa da coluna diz mais a respeito das opiniões do autor do que a veracidade dos fatos; é provável que, ao contrário dos adjetivos “nem bonita, nem feia” (*Idem, grifo meu*), Laura fosse de uma beleza superior em relação a forma que foi descrita através das lentes do “Indegina”. No entanto, a beleza e o bom gosto estariam presentes somente nas moças da alta sociedade.

Há que se destacar, ainda a partir do termo “vaidade” e a forma como foi empregado, um tom de alerta e aconselhamento aos leitores. Isso pois a história descreve o pai de Laura como um operário humilde que, envenenado pela vaidade e pela ambição de elevar o status social da família, desejava alcançar esse conforto ao entregar a própria filha para o primeiro barão que a desposasse:

“Bem poucos, caro leitor, são os que compreendem as virtudes e os preconceitos deste mundo de ilusões, especialmente os que vestem a túnica da vaidade. O velho sapateiro e sua filha pertenciam às fileiras destes inexperientes!” (*Idem*).



O “casamento por amor”²¹ trata-se de uma nova forma de vivenciar o matrimônio difundida a partir da modernidade e o advento do romantismo dentro das novelas oitocentistas, mas pouco incentivada entre as elites sociais, nas quais eram comuns os casamentos arranjados pelos chefes de família a fim de, através da aliança entre famílias poderosas, adquirir vantagens políticas, econômicas e sociais (Perrot, 2007, p. 46). Sendo assim, o único papel de Laura – como tantas outras mulheres – era brilhar e “ser pinceza!”²².

Em complemento desta linha de raciocínio, o Indegina acrescenta o substantivo “preconceito” para finalizar a narrativa. A última cena descreveu a noite na qual Laura fora prestigiar a estreia de uma companhia italiana no teatro.²³ O pai da moça estava presente, assistindo o espetáculo da plateia; enquanto Laura estava em um camarote superior, distante do pai. Dois rapazes, que estavam sentados ao lado do sapateiro avistaram Laura e comentaram entre si, elogiando as roupas e acessórios da moça, porém sem expressar entusiasmo na fala, devido ao status inferior do pai sapateiro:

No intervalo, do 1º ao 2º actos, dois cavalheiros se sentaram entre a cadeira do pai de Laura, com os binóculos assentados para as frizas’ - um deles deparando a de Laurita, perguntou surpreendido a seu companheiro:
- Quem é aquela morena que veste tão pomposamente?!!
- Veste bem, é Verdade!... Mas...
- Mas... que?!
- E’... é... filha de um sapateiro!! (*Idem*).

No desfecho da história, humilhado, o pai reduz sua jornada de trabalho, e Laura se casa com um rapaz comum chamado – com ênfase no sobrenome – “João Telles Telles de Meirelles Telles Telles...”, e desfruta de uma vida segura e previsível.

Pode-se entender que, a vaidade bem aprovada pela sociedade manauara tem um recorte definido de idade e classe social. Neste sentido, Bourdieu disserta, a partir da mesma relação antagônica entre dominantes-vanguarda na Moda, o cisma etário e econômico que esta disputa estabelece no campo da Moda, onde pessoas mais jovens não possuem o mesmo poder aquisitivo que pessoas mais velhas usufruem (Bourdieu, 2001, pp. 14; 55-56).

²¹ Que seria o direito da mulher em escolher o(a) pretendente que lhe agrade para se casar.

²² “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. “Seja bela e cale-se”, é o que se lhe impõe, desde a noite dos tempos, talvez” (idem, p. 49).

²³ O teatro era um dos ambientes nos quais as mulheres caprichavam na vestimenta e adornos, e circulavam durante a noite exibindo as composições indumentais.



Nessa coluna, a vaidade é descrita a partir do uso da Moda e do comportamento como formas de ascender socialmente e conquistar uma vida mais confortável. A respeito disso, Bourdieu cita o seguinte texto escrito por Nietzsche:

Você tinha o costume de dizer que ninguém aspiraria à cultura se soubesse até que ponto o número de homens verdadeiramente cultos é, afinal de contas – e só pode ser – incrivelmente reduzido; e que, entretanto, este pequeno número de homens verdadeiramente cultos só seria possível se uma grande massa, decidida profundamente contra sua natureza e unicamente por ilusões sedutoras, se entregasse a cultura; portanto, que nada deveria ser revelado publicamente desta ridícula desproporção entre o número de homens verdadeiramente cultos e o enorme aparelho da cultura; que o verdadeiro segredo da cultura é o seguinte: inúmeros homens lutam para adquirir cultura, estão a serviço da cultura, aparentemente em seu próprio interesse, mas no fundo somente para permitir a existência de um pequeno grupo (Nietzsche *apud* Bourdieu, 2001, p. 62).

Em outras palavras, o autor diz respeito a luta de homens comuns pela cultura que é destinada a um pequeno grupo de cultos privilegiados, e finaliza dizendo ser uma “busca vulgar” pela cultura (*Idem*). No mesmo texto, Bourdieu fala também sobre a busca por distinção social a partir do uso de produtos falsificados ou de segunda linha, - algo que João Luiz disse ter ocorrido com frequência em Manaus durante a Belle Époque (*Idem*) – a partir do “mercado de cópias e venda de bens de luxo de segunda mão” que operava em Paris na década de 1970 (Bourdieu, 2001, p. 62-64). Apesar de não se ter certeza da existência material deste mercado no início do século XX, observou-se ao menos a difusão de uma prática semelhante a esta dentre as consumidoras de Moda em Manaus. Sendo assim, em Manaus usava-se tanto roupas de grife originais e peças de segunda mão, quanto roupas comuns de fabricação local. Trabalhavam no campo da costura tanto mulheres ricas quanto mulheres pobres, salvo as especificidades das funções neste mercado, regidas pela divisão do trabalho.

A partir da análise dos diversos jornais coletados, notou-se uma diferença fundamental entre os jornais diários e a imprensa periódica. A principal diferença consiste no viés ideológico e político que cada uma segue; isso foi determinante no resultado da análise, pois obteve-se mais sucesso ao analisar os jornais periódicos da imprensa operária e independente – que opinam e se expressa sem as travas do comportamento normativo e comedido - do que nos jornais diários da imprensa do comércio que, por sua vez, visavam a propaganda massiva dos produtos importados, os lucros futuros e a disseminação dos novos *ethos* de modernidade e luxo; portanto, isto era feito sem questionamento algum, levando ao falso entendimento de uma “concordância coletiva”, uma homogeneidade social.



Considerações finais

Os resultados desta pesquisa consistem na combinação entre a análise dos jornais impressos e digitalizados pela Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, e das leituras de trabalhos acadêmicos relacionados ao estudo da Moda, em escala teórica, em Paris e na capital manauara. Estas leituras permitiram compreendê-la enquanto um universo composto por indumentárias, bens de consumo riquíssimos, hábitos e lazeres refinados, ambientes e companhias igualmente opulentas etc. Enfim, um vasto campo de disputas no qual as roupas, alegoricamente, substituem a armadura, e materializa-se um torneio simbólico, sem sujeira e mau odor.

Neste processo de pesquisa e delimitação de resultados, o segundo objetivo – que consiste na tentativa de estudar as histórias pessoais das modistas imigrantes que circularam pela cidade de Manaus entre 1890 e 1920 – não foi devidamente contemplado pela ausência de fontes voltadas a narrativa pessoal da vida destas mulheres dentro dos jornais selecionados; dentre os jornais escolhidos, encontrei vestígios das trajetórias coletivas das modistas muito dissolvidas na narrativa social, política e econômica manauara.

Após realizar algumas leituras sobre História Contemporânea, pude perceber e nomear as características trazidas para as sociedades ocidentais, influenciadas pela onda da Modernidade. Pude ainda notar muitas destas características dentro da própria sociedade manauara, o que me levou a entender Manaus como uma pequena província, inserida dentro de uma indústria de Moda internacional, imersa numa estrutura de funcionamento complexa nos seus próprios termos. Tenho o interesse em estudar até que nível as exigências da Moda chegaram a impactar na vida dos cidadãos manauaras, se tornaram-se projetos formalmente inscritos dentre as políticas sociais e urbanas da época – tal como as exigências higienistas descritas por Margareth Rago, ou os projetos urbanísticos descritos por Edineia Mascarenhas -, ou se todos esses ditames se impuseram somente na dimensão simbólica. Para isso, preciso cruzar esses resultados com outras fontes, das quais posso destacar: os Códigos de Postura municipal, as crônicas e álbuns de época.

Por fim, quero ampliar o olhar sobre as especificidades da inserção da alta costura na cidade de Manaus. Pois imagino, a partir das leituras realizadas até o momento, que a indústria da Moda, tal como era na França, não fincou raízes na cidade. Estas questões só



seriam possíveis de sanar a partir da ampliação do escopo documental, e um cruzamento de fontes.

Finalizo, portanto, sem me esquecer das várias interrogações lançadas no fluxo textual, tal como os recortes de jornais que não foram possíveis de serem analisados devido as próprias limitações temáticas do projeto. Estas são pendências que logo irão possibilitar desdobramentos futuros e instigantes para esta e outras pesquisas.

Data de Submissão: 27.11.2024

Data de Aceite: 06.12.2024

Referências

Fontes:

Jornais manauaras consultados na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional:

O Imparcial (1897) - AM

Jornal do Commercio (1914) - AM

Commercio do Amazonas (1898 – 1914) - AM

A federação: órgão do Partido Republicano Federal (1899-1900) - AM

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter Benjamin. **Obras escolhidas. Vol. 1: Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre; DELSAUT, Yvette. “O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia”. **Educação em Revista**, Belo Horizonte 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero 1983.

COSTA, Deusa da. **Quando viver ameaça a ordem urbana – Trabalhadores de Manaus (1890/1915).** Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto - Manaus 1890-1920.** Manaus: Editora Valer, 2007.

EDSON LARA, J. O. S. É. et al. “ANÁLISE SENSORIAL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA CONVERGÊNCIA SENSORIO-PERCEPTUAL NO PROCESSO DE DECISÃO DE COMPRA DO CONSUMIDOR DE PERFUME”. **Gestão e Sociedade**, v. 15, n. 43, 2021.

NOVAIS, Fernando A., SEVCENKO, Nicolau (orgs.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). Manaus: EDUA, 2015.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: A utopia da cidade disciplina: Brasil 1890 – 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1985.

SOUZA, João Luiz de. **Mudanças de hábitos no imaginário Amazônico**: a moda, a influência Cultural francesa em Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

